

PONTOS POLÊMICOS NA LEITURA QUE LACAN FEZ DE SAUSSURE

Maria de Fátima Vilar de Melo
Glória Maria Monteiro de Carvalho
(Universidade Católica de Pernambuco)

RESUMO

Colocamos em discussão a interpretação corrente da leitura realizada por Lacan do trabalho de Saussure, notadamente a sua interpretação do signo linguístico que foi concebido por Saussure, segundo o CLG. A partir desta discussão, defendemos que mais do que uma subversão das ideias de Saussure, o que Lacan fez foi uma leitura precisa e inovadora dessas ideias e que dá um lugar de destaque à Teoria de Valor. Outros trabalhos de Saussure vêm corroborar essa leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Signo linguístico; Teoria do valor; Psicanálise lacaniana.

Introdução

Conforme anuncia o título deste artigo, pretendemos colocar em discussão alguns pontos polêmicos na leitura que Lacan realizou da obra de Saussure, mais especificamente, no que diz respeito à concepção de signo linguístico. Iniciaremos, portanto, destacando noções da teoria psicanalítica que, no nosso entender, seriam necessárias à discussão pretendida.

Sabe-se que o inconsciente foi descoberto por Sigmund Freud; essa descoberta resulta na fundação da Psicanálise no final do século XIX, consistindo naquela época em uma verdadeira revolução no pensamento ocidental moderno deslocando o homem de seu lugar de senhor da consciência. Estava, assim, questionada a concepção cartesiana do sujeito do cogito: “Penso, logo existo”.

Freud (2002), ainda neurologista, em seu trabalho com as afasias,

é capaz de vislumbrar que os distúrbios afásicos não são dependentes unicamente de seus aspectos orgânicos, mas o aparelho de linguagem ocupava um lugar importante no avanço dos estudos das afasias. A primeira noção de aparelho de linguagem foi elaborada pelo neuropatologista inglês Jackson (*apud* Freud, 2002), ao falar, justamente, das afasias. Freud retoma essa noção, porém, introduz algumas modificações. Esse trabalho se situa na pré-história da Psicanálise e, muito provavelmente, teve um papel determinante para a que Psicanálise seja fundada no campo da linguagem. Seguem a esse trabalho, seu livro *Interpretação dos sonhos* – ([1900], 2006, dois volumes), *Psicopatologia da vida cotidiana* ([1905] 20) e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* ([1905] 20). Freud foi um investigador rigoroso e da sua obra podemos depreender uma concepção nova da linguagem, destacada e desenvolvida brilhantemente por Lacan.

Jacques Lacan (1901-1981), psiquiatra e psicanalista francês, cujo trabalho produz verdadeira revolução no campo psicanalítico ao fazer um retorno ao trabalho de Freud interpondo-se, inclusive, aos princípios da Psicanálise da época, cria no campo da Psicanálise, uma teoria sobre o sujeito que “[...] está aí para tornar possível operar com a hipótese do inconsciente sem aniquilar sua dimensão fundamental de não sabido”. (PORGE, 2008, p. 502)

O sujeito do inconsciente, para Lacan, é fundado a partir do significante. Para se compreender melhor o que está em jogo, lembremos o que afirma Elia (2004, p. 127):

O sujeito, para a Psicanálise, é constituído a partir do encontro do corpo vivo com o mundo dos significantes (Outro da linguagem), o que interdita qualquer apreensão de seu advento em termos psicológicos [...] O sujeito não é inato, não vem ao mundo junto, dentro ou acoplado ao ex-feto, recém-nascido. O sujeito tem sua história não no período de gestação (que concerne unicamente ao indivíduo psicofísico que vem a nascer), mas muito antes, num eixo simbólico que pode atravessar várias gerações que o precedem, num conjunto de traços que lhes são transmitidos a posteriori, quando da sua constituição se dá, em necessária articulação com o corpo [...].

Para elaborar sua teoria, Lacan recorre à Linguística estrutural, entre outros campos do saber. Na linguística, foi decisiva sua leitura do trabalho de Saussure e de Jakobson, chegando a cultivar uma amizade pessoal com este autor.

Dentro desta linha de pensamento, vejamos o que diz Lemos (2010, p. 47-58):

O estruturalismo linguístico, representado por Saussure e por Jakobson, permitiu a Lacan, em um primeiro momento, servir-se do significante para mostrar os efeitos da divisão do sujeito pela linguagem.

A propósito da sua aproximação da linguística, em entrevista a Caruso, Lacan argumenta:

Quando realiza uma análise do inconsciente, a qualquer nível, Freud sempre fez uma análise do tipo linguístico. Freud havia inventado a nova linguística, antes que esta nascesse. Ele não a conhecia e, portanto, não podia saber o que fazia era linguística, e a única diferença entre a sua posição e a minha, se baseia no fato de que eu, abrindo um livro seu, em seguida posso dizer: isto é linguística. Posso dizê-lo porque a linguística apareceu alguns anos depois da Psicanálise. Saussure a começou pouco depois de Freud, na *Interpretação dos sonhos*, tivesse escrito um verdadeiro tratado de linguística. Esta é a minha distância de Freud. (*apud* LEITE, 1994, p. 35)

Nesse depoimento fica patente que é o trabalho de Freud que leva Lacan a refletir sobre a linguagem e, assim, recorrer à Linguística. Esta ideia está também presente na citação que fizemos acima de Porge (1996).

2. Importância da linguística de Saussure e Jakobson para teoria do sujeito

A relação de Lacan com a linguística merece ser tratada com maior cuidado, pois foi alvo de incompreensões e, por conseguinte, de críticas tanto da parte de linguistas, quanto por parte de psicanalistas.

A leitura que Lacan fez do Curso de Linguística Geral (doravante CLG), bem como do livro *As Fontes Manuscritas*, de Robert Gödel pode ser considerada como crucial para que venha a enunciar uma proposição basilar da sua construção teórica: “o inconsciente é elaborado como uma linguagem”, proposição que retoma até o fim da sua obra, vale salientar que é como uma linguagem, isto é, ao modo da linguagem. Em decorrência, Lacan formula que o inconsciente é constituído por cadeias de significantes e essas cadeias constituirão o registro do simbólico que é, assim, o registro concernente à lingua-

gem, mas sua existência encontra-se articulada aos outros registros: o imaginário e real.

O Imaginário diz respeito à imagem e provém da constituição da imagem do corpo. “É o registro da ilusão e da identificação” (CHEMAMA, 2009, p. 267). Já real é “definido como o impossível, é o que não pode ser completamente simbolizado na fala ou na escrita e, por consequência, não cessa de não se escrever”. (*ibid*, p. 491)

Para pensar a articulação entre os registros, Lacan faz apelo a um objeto matemático denominado nó borromeano, uma vez que figura no brasão da família Borromeu, de origem italiana. O nó borromeu consiste em um enlaçamento de três círculos feito de tal modo que a ruptura de um círculo provoca o desenlaçamento de todos. (CHEMAMA, 2009)

Ao longo dos seminários, Lacan foi modificando sua forma de pensar esse enodamento dos registros. A princípio, ele pensava que era o advento do registro simbólico que realizaria o nó entre os registros. Esta posição vai se modificar ao longo do seu trabalho, para, no seminário XXII, nomeado RSI (Real, Simbólico e Imaginário), ele atribuir ao real a primazia. A origem dessas modificações concernam sobremaneira ao seu trabalho teórico-clínico, mas é provável que os embates com parte considerável dos linguistas da época, cujas críticas eram dirigidas ao emprego da linguística em seu trabalho, devem ter contribuído:

Em 1971, por ocasião do seminário XVIII, Lacan rebate essas críticas:

Os linguistas, os linguistas universitários, pretenderiam, em síntese, reservar-se o privilégio de falar da linguagem. O fato de ser em torno do desenvolvimento linguístico que se sustenta o meu ensino, portanto, teria algo de abusivo, que é denunciado segundo diversas formulações. A principal, aquela que, pelo menos ao que me parece, é a mais consistente, enuncia que se faz, e eu cito, um uso metafórico da linguística no campo que revela ser aquele no qual eu me insiro, e também, por exemplo, no campo de Lévi-Strauss – que certamente mereceria, no caso, um pouco mais detidamente, muito mais do que concerne a mim –, do qual se pode ter uma ideia bastante vaga, ao menos pelo que se comprova. (p.39)

Dois anos depois ao realizar o seminário XX - Encore (1972 - 1973), traduzido no Brasil como Mais ainda, Lacan faz uma afirmação enfática: “Um dia, eu me apercebi que era difícil (eu retomo a mesma palavra, a primeira frase) não entrar na linguística a partir do momento que o inconsciente foi descoberto”. (LACAN, 2009, p.54, tradução nossa)

Diz isso, para, em seguida, lembrar o que ele e sua plateia tinham ouvido da boca de Jakobson “[...] tudo o que da linguagem tem a ver com a Linguística’, isto é, no final das contas, o linguista”. Ao se contrapor a Jakobson, ele assinala a relação da linguagem como o sujeito do inconsciente e para assegurar o que Freud disse sobre o inconsciente: “Então será necessário forjar alguma palavra para deixar a Jakobson, seu domínio reservado, e se vocês querem, eu chamarei isto de Linguisteria” (p. 54). Na mesma página, mais adiante, ele acrescenta: “Eu encontrei isso: linguisteria. E isso tem consequências. Especificamente, em nível, não do dito, porque existem ditos que são comuns aos dois campos. É bem aí, que eu tomo referência. É daí que eu posso dizer que o inconsciente é estruturado como linguagem”. (54)

Como bem assinala Lemos (2010):

É importante registrar que a afirmação (lacaniana) segundo a qual *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* levou Lacan (1972-1973/1985) a discutir os limites do campo da linguística, situando, fora desses limites, a linguagem do sujeito do inconsciente. A fim de denominar a abordagem dessa linguagem, criou, então, a palavra *linguisteria* [...].

Vale lembrar que, mesmo se apenas no Seminário XX, Lacan faz uso do neologismo – Linguisteria – para distinguir o seu trabalho referente à linguagem do trabalho efetuado por linguistas, no seminário XVIII, ele já tenha dito:

O que eu acrescento a Freud – ainda que isso já esteja em Freud, patente, pois o que quer que ele demonstre do inconsciente nunca é senão material de linguagem – o que acrescento é isto: que o inconsciente se estrutura como uma linguagem. Qual? Pois bem, justamente, procurem-na. [...] (LACAN, ([1970-1971] 2009, p. 42).

Na página seguinte, ele continua:

[...] para a Linguística, devo-lhe dizer, estou pouco me lixando. O que me interessa é a linguagem, porque penso que é com ela que lido quando tenho que fazer Psicanálise objeto da linguística por-

que a linguística, estou pouco me interessando por ela, o que me interessa é a linguagem. Objeto linguístico compete aos linguistas defini-lo. No campo da ciência cada domínio progride por definir seu objeto. Eles o definem tal como entendem, e acrescentam que eu faço disso um uso metafórico, mas é curioso que os linguistas não vejam que todo uso da linguagem é metafórico, seja ele qual for, só existe linguagem na metáfora. (LACAN, ([1970-1971] 2009, p. 43)

Um outro ponto digno de ser incluído nesta discussão tange ao fato de que, a essa altura da sua obra, Lacan está às voltas com as questões relativas ao registro do real, o que lhe impulsiona a ir para além do significante, chegando a introduzir o conceito de letra. Esse destaque que Lacan vai conferir ao registro do real parece ter contribuído para o afastamento da Linguística de parte significativa de seus seguidores, desobrigando-os a se debruçarem sobre os trabalhos elaborados de Saussure e Jakobson. O que consideramos um equívoco, porque mesmo compreendendo a importância desse momento da obra lacaniana, duas coisas não podem ser esquecidas: a) o registro do simbólico não deixou de existir e, portanto, recorrer à Linguística para trabalhá-lo é preciso; b) mesmo se reconhecemos que as questões colocadas pela clínica, bem como a leitura da obra de Joyce, por parte de Lacan, foram determinantes para que ele pudesse ter uma compreensão mais pertinente do lugar do Real, não podemos deixar de supor o quanto o seu estudo referente ao Simbólico e, por conseguinte, à Linguística saussuriana foi importante para que ele pudesse chegar a essa compreensão.

De maneira que invocamos neste ponto o que diz Anquetil (1996, p.35), no seu artigo Saussure e Lacan: [...] tanto seu ensino foi preciso para a psicanálise no que diz respeito à sua maneira de abordar os fatos de linguagem. [...] não podemos nos afastar do partido que dele tirou Lacan para fazer sua leitura.

3. A leitura de Saussure por Lacan

Neste tópico discutiremos a interpretação corrente da leitura realizada por Lacan do trabalho de Saussure, notadamente a leitura que ele faz do signo linguístico presente no CLG.

A interpretação comum ao campo psicanalítico (ver CHEMAMA, 2009; DÖR, [1985] 1992; FERREIRA, 2002; KAUFMANN, [1993] 1996, entre outros) em relação à leitura que fez Lacan do signo de Saussure.

Esses autores afirmam que Lacan subverteu os conceitos linguísticos de Saussure, mais especificamente, o conceito de signo, fundamentados no que diz Saussure no CLG: “O signo linguístico é então uma entidade psíquica com duas faces” (2005, p. 99), referindo-se, a princípio, ao conceito imagem/acústica para depois substituir por significado/significante.¹

Nossa interpretação vai em direção oposta: Lacan faz do Curso de Linguística Geral de Saussure uma leitura que, ao dar destaque à Teoria do Valor, inova a compreensão corrente na época. No seu artigo A instância da letra e a razão desde Freud (1998), ele afirma que os esquemas pensados por Saussure para demonstrar a sua teoria do signo linguístico podem ser traduzidos pelo algoritmo S/s. Vejamos o que ele diz:

Para marcar o surgimento da disciplina linguística, diremos que ela se sustenta como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte:

S

s

Que se lê: significante sobre significado, correspondendo o “sobre” à barra que separa as duas etapas. O signo assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das diversas aulas dos três cursos, dos anos de 1906-7, 1908-9 e 1910-11 [...].

Destacamos que Lacan diz: “[...] esse algoritmo merece ter sido atribuído a Saussure”. Ele não diz que ele propõe o contrário do que Saussure pensou, como o meio psicanalítico afirma.

Ademais, a teoria do signo em Saussure é bem mais complexa do que o esquema exposto no CLG ao qual esses autores se remetem. Essa afirmação pode ser fortalecida por um exame mais atento das contradições presentes no CLG e, sobremaneira, por outros trabalhos deste autor, como seu trabalho sobre os anagramas (STAROBINSKY, [1971] 2009) e os Escritos de Linguística Geral.

Para que possamos aprofundar um pouco mais a discussão aqui proposta, no que toca à leitura, realizada por Lacan, do conceito saussuriano de signo linguístico, convocamos Jean Claude Milner,

que, por meio de uma interpretação precisa e singular, em “*El péripleo estructural*” (2003), destaca, nesse conceito, sua dimensão *não representacional* e seu caráter de *arbitrariedade*.

No que concerne ao signo em Saussure, Milner diz:

O que faz Saussure é nada menos que recusar a teoria clássica do signo, segundo a qual este é uma realidade (a imagem acústica *árvore*, por exemplo) que representa, graças a uma relação assimétrica, outra realidade: a coisa chamada *árvore* ou eventualmente a ideia dessa coisa. (2003, p. 29, tradução nossa)

Pode-se, então, assinalar que a revolução provocada pelo conceito de signo, no campo dos estudos da linguagem ou, em outras palavras, o corte epistemológico efetuado na tradição desse campo consiste na veemente recusa à abordagem representacional do signo, abordagem essa que dominava os estudos anteriores ao Curso.

Destaca esse autor que o signo linguístico segue um modelo simétrico e recíproco, na medida em que a afirmação: A (imagem acústica) está associado a B (ideia, conceito) implica: B está associado a A, sendo bastante significativa, portanto, a escolha do verbo *associar*. Essa simetria constitui uma diferença fundamental em relação ao modelo representacional do signo, uma vez que: se A (representante) representa B (representado), este (B) não pode representar A, configurando, assim, um modelo assimétrico.

A referida simetria que, segundo Milner (2003), se torna mais visível com a substituição dos termos *ideia* (ou *conceito*) e *imagem acústica* por *significado* e *significante*, havia sido acentuada pelo recurso à imagem da folha de papel. Diz Saussure que: “A língua é ainda comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som, o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro.” ([1916] 2005, p. 157, tradução nossa). Desse modo, “Assistimos aqui a um deslocamento decisivo: Saussure constrói um modelo do signo que se separa de toda teoria da representação.” (MILNER, 2003, pp. 30-31, tradução nossa)

Ao lado dessa dimensão não representacional do signo linguístico, um grande deslocamento teria sido provocado, segundo a leitura milneriana, pelo *caráter negativo da palavra arbitrário*. Conforme essa leitura, Saussure ([1916]2005) teria usado a palavra arbitrário, primordialmente no sentido de ausência de qualquer relação interna entre significante e significado. Nessa perspectiva, “o

significante é imotivado em relação ao significado, com o qual não mantém nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE,[1916] 2005, p. 101, tradução nossa).

Retomando a imagem da folha de papel, Milner (*ibidem*, p.35, tradução nossa) afirma:

Suponhamos que se desenhe uma figura no anverso; está claro que essa figura não mantém nenhuma relação com o que se poderia desenhar, de maneira eventual, no verso. Pode-se sustentar que a palavra *arbitrário* resume, justamente, essa ausência de toda relação.

Dessa afirmação, decorre inevitavelmente a questão de saber como pode o signo se manter unido na ausência de qualquer relação interna e de um ponto fixo externo.

Subsiste um enigma: como pode o signo se sustentar unido na ausência de toda relação interior, na ausência de um senhor mítico das palavras, na ausência de todo ponto fixo externo? Aqui inter-vém uma das inovações mais importantes da doutrina. Podemos resumi-la assim: se um dado signo se sustenta, é pelos outros signos. (MILNER, 2003, p.36, tradução nossa)

Assim, a resposta a essa questão seria, necessariamente, a noção saussuriana de valor, desde que: “Um dado signo somente existe pelos outros signos. Mais exatamente, um dado signo somente existe por aquilo que permite aos outros signos existirem”. (MILNER, 2003, p.37, tradução nossa)

De acordo com essa leitura, a concepção de valor contida no CLG não se encontra separada e, muito menos, em oposição à noção de signo, como interpretam alguns comentaristas. Signo e valor estariam, ao contrário, intimamente relacionados, sendo o segundo a consequência necessária do primeiro.

Sobre o valor, diz Saussure:

Tudo o que precede equivale a dizer que *na língua só existem diferenças*. E mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece; mas na língua há apenas diferenças *sem termos positivos*. Quer se considere o significado, quer o signifiante, a língua não comporta nem ideias, nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema. ([1916] 2005, p. 139)

Podemos, então, notar que, da ausência de relação interna (e de um ponto fixo externo) entre os termos (significante e significado) de um signo, isto é, de seu caráter negativo, decorre, como consequência necessária, uma separação entre esses termos. Assim, tal separação permite, a cada um dos termos, manter uma relação diferencial com outros termos da mesma natureza.

Os Escritos de Linguística Geral consiste em um livro editado por Bouquet e Engler a partir dos manuscritos cedidos pela família de Saussure, tendo sido publicado na França apenas em 2002, provavelmente após Milner ter escrito o El périplo estructural. Saussure faz uma afirmação que vem corroborar essa análise de Milner:

Declaramos que expressões como A forma, A idéia; A forma e A ideia; O signo e A significação, são, para nós, sinais de uma concepção diretamente falsa da língua.

Não existe a forma e uma ideia correspondente; não há a significação e um signo correspondente. Há formas e significações possíveis (nunca correspondentes); há, apenas, em realidade, *diferenças* de formas e *diferenças* de significações; por outro lado, cada uma dessas ordens de *diferenças* (por conseguinte, de coisas já negativas em si mesmas) só existe como diferenças graças à união com a outra (SAUSSURE, 2002, p. 42).

Cunha (2008), ao fazer um exame do signo em Saussure, a partir da comparação de trechos do CLG e dos Escritos (ELG), além de recorrer a algumas ideias também de Bouquet (2004), leva mais longe essa discussão, chegando a pôr em questão a adequabilidade do termo signo. Termo herdado de teorias que vigoravam nos séculos XVII e XVIII. Ela vai concluir que para Saussure:

[...] significante e o significado nunca são correspondentes. O traço que separa a ideia da forma, para Saussure não indica uma distinção de duas ordens diferentes. Nem mesmo o signo seria formado apenas por significante e significado, mas de relações relativas, diferenças que só existem 'graças à união' dessas diferenças 'já negativas em si mesmas'. O que seguimos no ar não são signos como os pensadores estoicos formularam, mas valores.

A anatomia se confunde com a fisiologia, como nos advertiu Saussure. Ou seja, o signo só existe em funcionamento, enquanto valor, ele não teorizava sobre signos, mas sobre valores. Para o professor, só existem valores, signos são abstrações teóricas ne-

cessárias ao linguista, pois permitem enxergar o que é puramente negativo de um ponto de vista positivo. Ou seja, permite dizer o que é a natureza da língua, ‘graças à união das diferenças’. (CUNHA, 2008, p. 7)

Essa conclusão vai ao encontro do que disse Jakobson (1928 *apud* MILNER, 2009, p.15); “a tese de F. de Saussure definindo a língua como um sistema de valores relativos é quase que geralmente admitida na linguística contemporânea”.

Propomos, então, que o lugar ocupado, no campo da psicanálise, pelo gesto saussuriano que inaugurou a ciência linguística, não teria sido, devidamente, reconhecido nem pela maior parte dos linguistas, nem dos psicanalistas, cabendo, entretanto, esse reconhecimento ao próprio Lacan, por exemplo, por meio da afirmação que destacamos anteriormente e com a qual finalizamos este artigo: “esse algoritmo merece ter sido atribuído a Saussure”.

ABSTRACT

We discuss the current interpretation of Lacan’s reading of the work done by Saussure, notably his interpretation of the linguistic sign, which was conceived by Saussure, according to the CLG. From this discussion, we advocate that more than a subversion of Saussure’s ideas, what Lacan did was an accurate and innovative reading of these ideas, which puts the Theory of Value in a prominent place. Other works by Saussure corroborate this reading.

KEYWORDS: Linguistic sign; Theory of value; Lacanian Psychoanalysis.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. Qu’en est-il du signe chez Ferdinand de Saussure? *Journal français de Psychiatrie* (Paris), v. , n° 29, março 2008.

CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. Signifiant. In: *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Larrouse, 2009. p. 530-534.

CUNHA, Raquel Basílio da. A relação significante e significado em Saussure.

Revel, Edição especial n. 2, 2008. p. 1-14.

LEMOS, Cláudia Tereza Guimarães. Um novo amor ou a distância entre a Linguística e a linguística. *Literal* (Campinas), v. 13, p. 47-58, 2010.

FREUD, Sigmund. *O chiste e sua relação com o inconsciente*. [1905]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VIII. Rio de Janeiro: Editora: Imago, 2006.

_____. *Psicopatologia da vida cotidiana*. [1902]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VI. Rio de Janeiro: Editora: Imago, 2006.

_____. *Contribution à la conception des aphasies*. [1901]. Paris: PUF, 2002.

_____. *Interpretação dos sonhos*. [1900-1901]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IV e V. Rio de Janeiro: Editora: Imago, 2006.

LACAN, Jacques. *O Seminário XVIII: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. *Le Séminaire livre XX: Encore 1972-1973*. Paris: Editions del'Association lacanienne internationale, 2009.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

MILNER, Jean Claude. *El périplo estructural: figuras y paradigma*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Larrousse, [1916] 2005.

Recebido em 5 de março

Aprovado em 30 de março